

UM CURSO DE GEOBIOLOGIA 7: AS MIL E UMA NOITES: NÃO SE ILUDA COM O QUE VOCÊ VÊ. O QUE LHE AFETA É O QUE VOCÊ NÃO VÊ – EIS O PARADOXO: O MÉTODO DA PERCEPÇÃO INVISÍVEL

Marcos Alves de Almeida (www.geomarcosmeioambiente.com.br)

Nós somos envolvidos pelo nosso dia a dia e, aos poucos, vamos entrando em uma rotina cotidiana sem nos darmos conta de qualquer coisa que fuja dos nossos objetivos diários de sobrevivência, de vivência, de um sonho permanente, sempre inacabado, pois acordamos na melhor hora. Esse sono hipnótico não acontece quando estamos dormindo, aí sim nos sentimos livres voando, esvoaçando, vivendo em um mundo da fantasia, necessária para o descanso de nosso cérebro que vaga e vagueia por todos os lugares inimagináveis e os desejos embutidos no nosso coração, no nosso estômago, na nossa ação, nos nossos sentidos não controlados, Enfim somos livres nessa viagem prazerosa, até nos pesadelos.

Quando acordamos é que começamos a dormir, pois levantamos e cumprimos nossa rotina, saímos de casa, trânsito, estacionamento, trabalho. Se perguntarmos a qualquer um de nós o que reparou durante o caminho até o trabalho. Se observou alguma árvore ou planta florida, se alguém olhou o céu, somente para ver as variedades de cores e contrastes, em vez de olhar o céu com medo de uma nova tempestade. Se você fizer essa pergunta todos vão olhar para você com olhos intrigados: “Da onde saiu essa figura. Quem tem idéia de ficar olhando flores em pleno trânsito, tudo parado. Olhar o céu! Que cara meloso e sonhador (poucos vão ter paciência, inclusive de explicar muita coisa. Vão logo olhando com os olhos meio fechados e a boca franzida para baixo, em desdém. É o máximo que ele vai se expressar. Saem dando risadas! Ah! Ah! Ah! Cada tipo que a gente encontra logo cedo!).

Bem! Eu me lembro do tempo que eu trabalhava no IPT, aliás, não tem meios de esquecer, foram vinte anos bem vividos, trabalhando na Geologia Geral do Agrupamento de Geologia do IPT.

Quando descíamos para o almoço, lá de cima do prédio da geologia, percorríamos uns trezentos metros e depois, até muito bom para a digestão, fazíamos o retorno. Saíamos em grupos, os de sempre. Parecia que existia uma fidelidade marcante entre os acordos entre pessoas. Sempre, via que as pessoas iam almoçar com os mesmos amigos e iam conversando. Ninguém, é claro, observaria, no trajeto cheio de árvores floridas e olhadas com “outros olhos” e às vezes parar para sentir o aroma que exalavam “gratuitamente”. Se alguém do grupo tentasse “escapar” e fosse almoçar com “outras” pessoas, todas do grupo ficavam indignadas com essa “infidelidade” traiçoeira. Diziam:”O que está acontecendo com ele? Não gosta mais de nós!” (sic).

Eu fugia, quase sempre, de ir com as mesmas pessoas para almoçar. Escapava de alguns num dia e no dia seguinte ia com outras pessoas e assim a variedade de temas conversados eram de uma riqueza maior. Pois, as pessoas que sempre, durante anos, iam almoçar juntas, nem conversavam mais, pareciam que andavam em um cortejo fúnebre.

É claro, todo dia, descendo e subindo e almoçando. No fundo, sem nos aperceber, acabamos dormindo acordados, num sono hipnótico, rotineiro e sem emoção.

“Às vezes, sempre, na volta do almoço, subia sozinho, e ia olhando as plantas, o céu, e tentando ficar ‘acordado’ por um maior tempo, até que finalmente ‘dormia’ ao entrar no prédio e voltar ao trabalho, à força da inércia me conduzia a não perceber mais nada em volta. Muitos amigos me viam olhando as plantas, por gozação diziam: ”Ah! Lá está o Marcão conversando com as plantas!”. Não contem nada para eles: ”É a pura verdade!”.

E, como todos, ao sair para ir embora, agora em um cortejo fúnebre de carros, saíamos pela portaria central e o pesadelo do trânsito tomava conta do meu cérebro, aliás, que cérebro? Um vazio tomava conta e me conduzia para o nada até chegar em casa. Não é à toa que muitos paravam, no meio do trânsito infernal, para tomar umas e tentar aliviar a tensão e chegar ao final do túnel com um pouco de luz na nossa alma maculada. Com um pouco de bom humor e conformismo de um sonho que nunca acaba e que se “repetirá” inapelavelmente amanhã, depois e depois....

In off: Um amigo que leu o FELIZ NATAL 2010 que escrevi no fim do ano passado para enviar ao amigos (para quem teve coragem de ler o primeiro parágrafo! – veja em Bate Papo 4 do meu site).

Ele, voltando para o mundo real, após prodigiosas férias no “paraíso”, em praias afrodisíacas me escreveu:

MARCAO TUDO BEM POR AI?

FICA MARCADO ENTÃO PARA QUINTA FEIRA PRÓXIMA, APÓS O ALMOÇO LÁ NA FÁBRICA, ASSIM VOCE CONHECE A MINHA NOVA SALA. QUANTO AO ENEAGRAMA CONCORDO COM VOCE AFINAL É COMO VOCÊ DIZ NAQUELE TEXTO QUE ME MANDOU: "O ENIGMA DO UNIVERSO DECIFRE-ME OU EU TE DEVORO" QUE POR SINAL ESTA IMPRESSO EM CIMA DA MINHA MESA E É MATERIAL DE ESTUDO DIÁRIO.

Respondi: também tão enigmático como o próprio texto do FELIZ 2010! Não tem como explicar o inexplicável! E quanto mais se tenta explicar menos se esclarece!

Vamos sim, Michel!

Quanto ao enigma do Universo eu escrevi e eu mesmo tenho que decifrá-lo. Joguei a bomba escrevendo e fluindo sem me dar conta. Você vê que a nossa mente grava muitas coisas diferentes e como é um computador analógico “quântico” junta as peças do quebra cabeça de forma, como diria David Bohm, dobrada e implicada. Bohm, em seu livro: "A totalidade e a ordem implicada – Uma nova Percepção da Realidade” mostra o mundo imperceptível e enigmático para escaparmos daquilo que consideramos como real: o mundo da ordem explicada e desdobrada, o nosso mundo “compreensível”.

Nós vivemos em um mundo onde as coisas "foram" desdobradas e explicadas por alguém que sabia penetrar no mundo implicado e dobrado. Tudo que utilizamos na nossa sociedade foi extraído do holomovimento (Bohm), onde todas as coisas fluem como em uma totalidade e tudo que desdobramos e explicamos não passa de partes isoladas desse todo.

Por isso que ele diz que a física quântica não é tudo, pois eles explicam uma parte do todo utilizando instrumentos para tal fim. Esses instrumentos, que interagem com o observador, só observam aquilo a que foram destinados. Por isso quando se observa ondas não se consegue observar partículas. Mas olhando o mesmo objeto, elétrons bombardeando uma chapa fotográfica, com outro instrumento que consegue observar somente partículas, não se conseguem observar ao mesmo tempo ondas. Para ondas, do mesmo objeto, tem-se que utilizar outro instrumento. Então concluíram que os elétrons atuam tanto como onda como partícula, mas não é possível observar as duas formas simultaneamente. Assim por diante

Eles desdobram uma parte do todo e tem uma tendência, todos nós, a generalizar e arguir que tudo é quântico etc...

A análise de nós mesmos contém os mesmos ingredientes, conseguimos desdobrar uma parte e viver com essa explicação e esquecemos que nós transcendemos essa limitada visão de si mesmo, e não buscamos descobrir a nossa totalidade que é a mesma totalidade de tudo criado e do não criado, não podemos nos definir na ordem explicada e desdobrada, pois essa parte nossa não cria, vive agregada a uma visão condicionada e mecanizada. Vasculhar a nossa mente, que não é material, e não é só a caixa craniana, e que não está lá, pois a caixa craniana, o nosso encéfalo, não passa de um decodificador das informações cósmicas, além do cósmo e além de tudo e que incessantemente estamos recebendo, mas o nosso decodificador mental, como uma torneira castradora que recebe toda a "água" (informações vibracionais) enviada do universo e ela deixa passar somente umas gotinhas e são gotinhas explicadas que consideramos como sendo a nossa própria vida. Essa pseudo segurança nos faz passar por essa existência como uma gota no oceano que tememos vasculhar e nos envolvermos com essa totalidade e transcendemos a nós mesmos abrindo a torneira total e inundando o nosso decodificador com infinitas possibilidades.

Abração! Marcão.

PS. Veja a eletricidade que percorre os fios, os elétrons são todos iguais e só quando são transmitidos pelo aparelho que aparecem as imagens, como num plano holográfico, pois o aparelho tem um decodificador de informações cifradas. O nosso cérebro também recebe as informações não selecionadas ou prontas, mas vibrações, e só quando chegam em nosso cérebro são decodificadas. Se o nosso decodificador é condicionado a aceitar só um tipo de informação seletiva, não permitindo a passagem de todas as informações que recebermos, a nossa vida se resume a uns pingos de informação, que são aceitas e o restante é descartado. ASSIM SOMOS FELIZES PARA SEMPRE! Nada de algo que nos faça entrar em conflito e nos dêem insegurança pela complexidade, ou pelas

novidades que o cérebro condicionado não consegue processar, que descarta ou deleta. Só deixamos passar informações sob rigoroso controle do ego-personalidade, que atua só no mundo conhecido e não aceita nada do desconhecido onde ele perde o controle e domínio sobre nós. Por isso precisamos desenvolver a essência, que grava tudo do universo e é onde está a memória consciente. Outro abraço. Marcos.

Por hoje chega! Pensei em escrever outra coisa, mas como não conseguimos “controlar” o nosso próprio cérebro que recebe as informações, de onde? De nossas memórias!”. “De nosso inconsciente coletivo!”. “Do universo!”. Enfim que importa saber? Só o nosso ego-personalidade castrador que quer saber: “De onde vem essas informações?” “Vem de mim e “eu” que comando tudo que entra em meu cérebro”. “Tudo sob meu próprio controle, mano!”. 07.02.2010.

Marcos Alves de Almeida (www.geomarcosmeioambiente.com.br)

